

**Associação Península Norte de Educação Ciência e
Cultura FACULDADE CECAP**

PEDAGOGIA

PROJETO DE PESQUISA

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE DOCENTE, PARA O
DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DE CRIANÇAS DA
EDUCAÇÃO INFANTIL, DE UMA ESCOLA PARTICULAR DA R.A
DO PARANOÁ DF.**

Fernanda Saraiva de Carvalho

Orientadora: Prof^a MsC Maria Ângela dos Reis Silva Tanno

BRASÍLIA-2008



Associação Península Norte de Educação Ciência e Cultura – FACULDADE CECAP
Coordenação do Curso de Pedagogia

FERNANDA SARAIVA DE CARVALHO

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE DOCENTE, PARA O
DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DE CRIANÇAS DA
EDUCAÇÃO INFANTIL, DE UMA ESCOLA PARTICULAR
DA R.A DO PARANOÁ DF.**

Brasília, 2008

ROL DE ABREVIATURAS E SIGLAS.

E.F	Ensino Fundamental
E.I	Educação Infantil
R.A	Região Administrativa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	04
JUSTIFICATIVA	06
CAPÍTULO 1	07
[REFERENCIAL TEÓRICO]	07
1.1 AFETIVIDADE NA ESCOLA	07
1.2 AFETIVIDADE DOCENTE	09
1.3 AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO INFANTIL.....	12
1.4 AFETIVIDADE DOCENTE X AFETIVIDADE INFANTIL.....	14
CAPÍTULO 2	18
[REFERENCIAL METODOLÓGICO]	18
2.1 MODALIDADE DA PESQUISA	18
2.2 SUJEITOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	18
2.3 O LOCAL A SER PESQUISADO.....	18
2.4 OS INSTRUMENTOS DA PESQUISA.....	19
2.5 O TRATAMENTO COM OS DADOS.....	19
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	20
CRONOGRAMA FÍSICO	21

INTRODUÇÃO

O trabalho em tela propõe estudar a importância da afetividade docente, para o desenvolvimento cognitivo de crianças da Educação Infantil. Cujo objetivo principal foi identificar a influência da afetividade docente, no desenvolvimento cognitivo infantil. A pesquisa conta ainda com os seguintes objetivos específicos: perceber a importância da afetividade do educador com crianças desse segmento de ensino; determinar as consequências do desenvolvimento infantil, quando privado de afetividade docente no ambiente escolar e identificar os benefícios, quanto ao desenvolvimento integral do educando em um ambiente escolar que favorece a afetividade.

Determinando-se pela problemática, de que maneira as relações afetivas dos docentes podem contribuir para o desenvolvimento de crianças da Educação Infantil?, o estudo segue sua linha de considerações propondo-se a contribuir com a educação em seu mais elevado grau. Atualmente, o estudo sobre afetividade e cognição tem se apresentado como ponto fundamental no interesse de estudiosos de diferentes áreas. As pesquisas sobre afetividade sob muitos aspectos têm como objetivo máximo identificar o seu emprego nos modelos pelos quais ela se apresenta.

Mediante a pesquisa é coerente afirmar que a escola é um ambiente capaz de acrescentar muito a uma criança. Muitos aspectos positivos ou negativos podem ser levados ao longo de sua vida acadêmica decorrente de acontecimentos vivenciados na mesma. A fim de exercer a função de auxiliar no processo de formação de um educando a escola deve inquestionavelmente oferecer um ambiente favorável não só a formação intelectual, mas ainda a formação pessoal do discente.

Quando regida por atitudes de afetividade a relação existente entre professor X aluno é passível de despertar e contribuir de forma incisiva no processo de ensino aprendizagem, proporcionando incontestáveis oportunidades ao desempenho intelectual, pessoal e social.

A criança assim como qualquer outro ser humano necessita impreterivelmente sentir-se amada, respeitada e valorizada, pois durante o processo de ensino, apresenta comportamentos que traduzem seus sentimentos e emoções. Assim sendo, quando em contato com relações de afetividade terá maiores chances de crescimento integral.

Na construção do conhecimento é imprescindível que o elo professor X aluno esteja intimamente ligado a fim de edificar uma aprendizagem que perdure, e concomitantemente ocorra de forma eficaz e prazerosa.

Nesse contexto, o projeto pretende destacar alguns elementos considerados de grande relevância que envolve afetividade e cognição. Para tanto, o alvo em questão, principia-se, em seu Capítulo I, tratando do Referencial Teórico cuja finalidade foi a de apresentar não apenas um relatório ou descrição de fatos levantados empiricamente, mas, também o de amoldar o desenvolvimento teórico de um caráter interpretativo, que se correlacione aos dados obtidos. Nesse capítulo, o modelo teórico que se buscou examinar teve a finalidade de abarcar junto à teoria uma mostra de como caminha até o presente momento o estado da arte sobre a afetividade.

No Capítulo II, o estudo segue tratando do Referencial Metodológico, onde se propôs identificar todos os aspectos relativos à escola estudada, além de se procurar clarificar as diferentes maneiras do trabalho realizado em campo, dando ênfase desde o método aplicado, aos instrumentos utilizados. O presente capítulo voltou ainda seu foco para os procedimentos adotados no tratamento com os dados.

A elaboração do projeto em questão contou ainda com a elaboração de pressupostos que pretendem nortear o trabalho da pesquisadora no momento da coleta de dados. Sua elaboração centra-se nos seguintes direcionamentos:

1. Todas as crianças inseridas em um ambiente escolar repleto de afetividade tendem a desenvolver-se de forma integral.
2. Através da afetividade docente, a maioria das crianças com problemas comportamentais, conseguem expor sentimentos intrínsecos.
3. Em um ambiente escolar munido de afetividade, os educandos dispõem de maiores chances de aprender de forma significativa e prazerosa.

Nas diversas fases da Pesquisa, deseja-se fazer uso ainda das categorias da Pesquisa documental e bibliográfica.

JUSTIFICATIVA

A elaboração desta pesquisa partiu da tentativa de conhecer e entender as influências da afetividade docente, como instrumento facilitador do desenvolvimento cognitivo de crianças da educação infantil. Nos dias atuais, problemas como indisciplina, agressão física e verbal dentro das salas de aula, estão sendo estudados como conceitos relacionados à falta de afetividade docente. O problema tem atingido dimensões cada vez mais ascendentes que já se fala até mesmo em depressão infantil.

Um professor que atua apenas como mero transmissor de conteúdos, desconsiderando a totalidade dos construtos da formação dos indivíduos, certamente provocara efeitos desastrosos na aprendizagem das crianças uma vez que, ao desconsiderar a importância do afeto, estará contribuindo para a formação de indivíduos carentes de afeição, já que é impossível durante o processo de aprendizagem, dividir o educando em partes e cuidar apenas do seu intelecto. A afetividade é o desígnio fundamental para a construção das informações cognitivo-afetivo nas crianças e conseqüentemente nas relações que devem ser estabelecidas entre professores e alunos.

Inquestionavelmente o desenvolvimento humano está relacionado a diversos setores como o social, intelectual, corporal e é claro aos sentimentos e as emoções. É por meio da afetividade que nos identificamos com as outras pessoas, e somos capazes de compreendê-las, amá-las e protegê-las. Estudar esse conceito passou a ser uma bandeira levantada pela pesquisadora, haja vista que quando criança vivenciou uma educação conservadora, privada de afeto.

Cabe ainda destacar que a importância de se desenvolver esse projeto centra-se no empenho de caráter científico que o trabalho pretende apresentar, haja vista a extensão que se pretende alcançar com a execução do mesmo. Um outro aspecto refere-se à relevância social do estudo uma vez que seus resultados poderão contribuir consideravelmente para a melhoria no processo ensino aprendizagem, especialmente no que se refere às relações entre professores e alunos.

Surge daí a relevância de se abordar o tema afetividade docente, por entender que o cuidar é um ato consciente, que pode ser ensinado e consiste, por sua vez, num dos maiores geradores de prazer que o mundo humano conhece.

CAPÍTULO 1 Referencial Teórico

1.1- AFETIVIDADE NA ESCOLA

A escola, assim como a família, é uma instituição de caráter essencial na formação dos indivíduos de uma sociedade. Essa instituição exerce o papel de contribuir não só na aquisição de conhecimentos no campo cognitivo, mas também na construção da personalidade.

É primordial que a escola, espaço que mantém profunda relação com os discentes, esteja apta a desenvolver uma educação que leve a reflexão e ao surgimento do pensamento crítico e consciente. Compete à escola além de auxiliar no processo de absorção de conhecimentos intelectuais, proporcionar o desenvolvimento afetivo entre os indivíduos, visto que uma civilização composta por pessoas frigiditas é um campo minado, propício a autodestruição. Neste contexto cabe citar o trabalho de Saltini (1997:15) que enfatiza que,

As escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas . Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de dores.

O pensamento é uma característica atribuída exclusivamente aos seres dotados de cérebro, todavia, entre os seres humanos, ele pode ser utilizado como instrumento de construção do futuro. A formação do pensamento está vinculada às bases afetivas. É uma prática que se encontra atrelada à educação e cabe aos educadores favorecer ao aparecimento do mesmo. Sendo assim é indispensável que o ato de pensar seja algo que nos conduza por caminhos que permitem a evolução e liberdade de sonhar. É por meio do pensar que temos a oportunidade de conhecer, entender e melhorar a nossa realidade. O pensamento quando construído sobre bases afetivas, apresenta maiores chances de produzir reações favoráveis entre os grupos sociais. Nesse sentido vale destacar as contribuições de Saltini (Idem 1997:15) que afirma que, “o nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho.”

Normalmente, passa-se um tempo considerável na escola e é lá que fazemos inúmeras descobertas ainda quando criança. A educação escolar deve transcender a transmissão de conteúdos, assim como deve exercer e insistir em oferecer mais de mil maneiras para que seu corpo discente faça parte de um processo de aprendizagem que envolve todas as funções

humanas, tais como, física, intelectual e sentimental. Este aspecto também é comentado por Saltini (Ibidem 1997:31) que aponta que, “em primeiro lugar a educação não é uma transmissão do conhecimento, de um saber ou até mesmo de uma conduta, mas, sobretudo uma iniciação à vida.”

O ato de educar deve existir com princípios que regem a formação integral dos educandos. Deve possibilitar a eles alcançar o total conhecimento de si em relação ao mundo, ciente do seu poder de ser e fazer. A propósito Saltini (Ibidem 1997:33) assinala que “educar é um meio pelo qual o homem possa construir-se como pessoa em termos de ser e não de ter, ocupando o seu potencial do sentir e do pensar.”

Durante o processo de aprendizagem é preciso enfatizar a importância de aprender e ensinar a lutar. É indispensável que exista uma reflexão e questionamento constante quanto à existência humana, a fim de identificar e alcançar os objetivos mais serenos e preciosos do ato de educar. Ao referir-se a tal assunto Saltini (Ibidem 1997:48) considera que, “educar significa também, aprender e ensinar a lutar, aprender e ensinar a intensificar a existência e a cumpri-la com decisão e consciência.”

Inquestionavelmente a escola deve organizar-se com um grupo docente especializado, sabendo que as crianças para alcançarem o desenvolvimento pleno de suas potencialidades necessitam estabelecer relações com pessoas capazes de conhecer e compreender sua subjetividade e características próprias de cada faixa etária. Saltini (Ibidem 1997:73) afirma que,

O professor (educador) obviamente precisa conhecer a criança. Mas deve conhecê-la não apenas na sua estrutura biofisiológica e psicossocial, mas também na sua interioridade afetiva, na sua necessidade de criatura que chora, ri, dorme, sofre e busca constantemente compreender o mundo que a cerca, bem como o que ela faz ali na escola.

Partindo desse pressuposto faz-se indispensável salientar que as crianças no ambiente escolar encontram-se abertas a receber e estabelecer relação íntima e afetiva com o professor. Saltini (Ibidem 1997:89) entende que, “a criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado.”

As emoções e os sentimentos das crianças certamente marcarão os níveis de desempenho escolar da mesma. A relação articulada com o meio, desempenha papel indispensável na aprendizagem. Em uma criança com problemas emocionais é possível constatar na maioria dos casos, que elas apresentam dificuldades em alguma área do

desenvolvimento infantil, quando comparada à outra sem os mesmos distúrbios emocionais. Também Monteiro (2003:11) ao analisar a avaliação do desempenho, alude que,

Uma criança, com problemas emocionais, enfrentando dificuldades em suas interações com o meio físico e social, não deverão apresentar o mesmo nível operatório de outra, de mesma idade cronológica e sob condições de existência mais favoráveis, pois a afetividade regula os processos e equilíbrio que se desenvolvem entre a assimilação e a acomodação.

A escola deve estar apta a receber , conviver e saber lidar com os variados tipos de alunos existentes. O papel do professor em sala de aula é primordial para entender e resolver alguns contratempos, todavia a escola também deve oferecer o suporte ao educador para que este possa atuar de forma decisiva.

O professor ao exercer sua prática, necessita realizá-la com amor e paixão ou ao contrário irá confirmar o que muitos atribuem ao ato educativo, a visão reduzida de mera transmissão de conteúdos. A respeito disso vale citar Cury (2003:109) que considera que, “os professores e os pais que não provocam a emoção dos jovens não educam, apenas informam.”

1.2- AFETIVIDADE DOCENTE

De inicio é interessante destacar que as pessoas constroem interações e criam laços de afetividade por intermédio de estímulos que recebem do ambiente a que estão inseridas. É importante ressaltar que a afetividade é um construto essencial para a aprendizagem infantil. Isso posto, cabe citar o trabalho de Luck (1983: 25), que afirma que, “as relações afetivas assumem um papel especial e singular no quadro educativo”. Sendo assim, não seria diferente na escola, instituição criada desde o princípio, com a finalidade de proporcionar aprendizado. Dessa forma, é importante compreender que a afetividade deve ser cultivada em todas as relações, não excluindo nesse caso, a afetividade docente. Nesse contexto, cabe citar ainda o trabalho de Marchand (1985: 37), que aponta que, “os educadores têm necessidade de cuidar de sua vida mental, já que sua afetividade se acha mais ou menos alterada pelo seu ofício”.

Fica então evidente que o trabalho docente no ambiente escolar, desempenha papel vital na construção do aprendizado, pois é o professor que estabelecerá os vínculos e as relações diante de seus educandos, podendo contribuir de forma positiva ou negativa no decorrer desse processo.

É indispensável apontar as funções do professor em sala de aula. Ressaltando que além de um mero transmissor de conteúdo, é dotado de uma das mais belas profissões da

humanidade, pois cabe a ele, ser o mediador no desenvolvimento de indivíduos que estão á espera de oportunidades, para crescer e desenvolver-se de acordo com suas limitações e peculiaridades.

Durante o processo de aprendizagem as crianças estão sujeitas aos seus educadores, que se conscientes do papel primordial que exercem, poderão conduzi-las ao desenvolvimento pleno de habilidades físicas, motoras, cognitivas e sentimentais. Este aspecto também é comentado por Tiba (1998:65) que afirma que, “Um mestre ao ultrapassar a função de transmitir um conteúdo programático, ensina ao aluno um estilo de vida que enobrece sua alma”.

A simples figura do educador já desperta inúmeros e diversos sentimentos em crianças que na maioria das vezes o tem como um herói, um exemplo, um indivíduo que assume um lugar especial e único, aos olhos inocentes de quem espera por um afago. Partindo desse ponto, fica explicito que a mera presença do educador em sala de aula já é motivo de aprendizagem, pois emoções e sentimentos fazem parte do desenvolvimento humano tanto quanto habilidades cognitivas e motoras. Vale notar a contribuição de Luck (Idem 1983: 20) que concluiu que:

É preciso ter-se sempre em mente o entendimento de que o homem é um ser uno indiviso e que seus comportamentos conscientes traduzem, ao mesmo tempo, os três aspectos: cognição, afetividade e psicomotricidade.

Um aspecto que deve ser considerado sobre a afetividade docente refere-se a uma variação seguida de uma aceitação. Ou seja, em alguns casos, o professor apresenta maior ou menor afetividade por alunos que de alguma forma marcam essa relação. Marchand (Idem 1985: 75) salienta que: “As relações sentimentais do professor variarão em função de cada aluno, segundo seus êxitos escolares, seu comportamento, seu caráter”.

Atualmente diante de uma sociedade que valoriza apenas o desempenho cognitivo e se nega a evoluir e aceitar as inovações e descobertas dos processos psíquicos dos seres humanos. Compete ao educador assumir uma postura de comprometimento com mudanças em seus ideais, a fim de incentivar a prática da afetividade, reconhecendo seu valor inquestionável no ato de educar. Isto vem ao encontro de Luck (Ibidem 1983: 40) que enfatiza que, “o professor ensina muito menos pelo que diz, do que pelo que faz, e, essencialmente, pelo que é mais do que pelo que diz”.

O próprio educador ao atuar em sala de aula, o faz sem abandonar características intrínsecas. Certamente as orientações que apresenta aos seus alunos, serão alvo de

divergentes pontos de vista, partindo da interpretação de cada um. Este aspecto também é comentado por Marchand (Ibidem 1985: 19) que enfatiza que, “a instrução dada por um mestre apresenta aspectos emotivos e afetivos que lhe conferem um feitiço original e pessoal, variando por outro lado com cada um das crianças que a recebe.”

É primordial que exista por parte do docente a iniciativa de estimular seus educandos com atitudes de afetividade, visto que uma turma nunca é homogênea que as histórias de vida dos alunos diferem-se em inúmeros aspectos. Sendo assim não é possível presumir que estas crianças apresentem atitudes exatas de como se comportar em determinados ambientes, de modo que alcancem os objetivos propostos pelo local. Luck (Ibidem 1983:37) relata que, “não se pode esperar, na escola que os alunos já tragam invariavelmente de casa as atitudes adequadas a um bom convívio, ao melhor aproveitamento da aprendizagem e ao melhor desempenho de seus papéis”.

Partindo desse pressuposto e a fim de ultrapassar esses empecilhos, diariamente o professor ao executar uma tarefa rotineira de trabalho, tem a oportunidade de instigar o inconsciente comportamento da afetividade, que desencadeia uma ligação direta com as suas funções mentais e conseqüentemente com melhores resultados cognitivos dos alunos. Também Luck (Ibidem 1983: 23) ao analisar o desempenho cognitivo discente, alude que, “aumentando-se a intensidade de comportamentos do domínio afetivo, obtém-se diretamente maior intensidade de comportamento do domínio cognitivo”.

Esta prática encontra infalível suporte, já que o professor detém autonomia para direcionar o rumo das suas próprias ações diante dos seus alunos. Isto vem ao encontro de Marchand (Ibidem 1985: 41) que concluiu que, “um mestre aparece sempre livre para escolher uma atitude e um comportamento particular diante de suas crianças”.

É por meio da integração professor-aluno que nascem os primeiros laços de afetividade. O educador deve proporcionar ao seu aluno um ambiente propício ao desenvolvimento dos sentimentos e emoções. Cabe a ele fazer com que os educandos estabeleçam uma relação integral consigo mesmo e com os indivíduos a sua volta. Marchand (Ibidem 1985: 37) aponta que, “todo exame das interações efetivas do mestre e do aluno nos revela que a vida do ‘par educativo’ está submetida à iniciativa preponderante do professor”.

Essa relação é concebida desde os primeiros contatos em sala de aula, reforçando as influências que a primeira impressão pode causar e as conseqüências positivas ou negativas que podem surgir posteriormente. Cabe citar o trabalho de Marchand (Ibidem 1985:19) que considera que, “desde o primeiro contato professor- aluno, surgiu o aparecimento do ‘par

afetivo’, cuja harmonia ou desacordo leva todo o ensino para numerosos caminhos possíveis.’’

Para que o trabalho docente aconteça de forma eficaz e significativa é imprescindível que o mesmo encontre-se em estado total da sua vitalidade e atualizado diante das evoluções do cotidiano. Além de dominar conteúdos específicos deve estar apto a compreender os indivíduos e o ambiente que o cerca. Vale notar a contribuição de Tiba (Idem 1998:64) que assiná-la que, “para ser um mestre, não basta conhecer bem a matéria. É preciso: estar integrado em relação a si mesmo. Entender o aluno e conhecer o ecossistema vigente”.

1.3- AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO INFANTIL

Partindo da visão dos seres humanos como criaturas que têm seu comportamento afetado por fatores físicos, intelectuais e sentimentais, é indispensável analisar o item afetividade, como sendo o que exerce maior influência no desenvolvimento cognitivo dos indivíduos em processo de formação.

É importante relatar que ao longo do desenvolvimento da humanidade, os seres vivos já foram classificados e valorizados segundo diferentes e isolados aspectos, tal como, o físico, o intelecto e o espiritual. Atualmente surge em constante ascensão a visão global do homem que é fruto de uma complexa cadeia que envolve as emoções, as funções mentais e as ações físicas. A propósito Luck (Ibidem 1983: 19) assinala que, “o comportamento humano é classificado, desde as definições atribuídas aos filósofos gregos, em três aspectos: pensamento, sentimento e ação, denominados modernamente como domínio: cognitivo, afetivo e psicomotor”.

O tema afetividade aponta no século XXI, como um aspecto interdisciplinar capaz de alterar até mesmo processos biológicos e acentuar-se em qualquer situação em que haja a presença de um ser humano. Isso reforça que a afetividade exerce influência direta nos mecanismos do corpo. Nesse contexto cabe citar o trabalho de Luck (Ibidem 1983:20) que afirma que,

Mesmo tratando-se de comportamento predominantemente psicomotor, como é o caso dos exercícios físicos e da realização de trabalhos manuais, nem por isso deixam de estar menos presentes os componentes afetivo e cognitivo. As emoções fazem com que as glândulas supra-renais sejam estimuladas e lacem na corrente sanguínea maior quantidade de adrenalina, o que estimula o ritmo da respiração e das batidas do coração que, por sua vez, levam o fígado a liberar maior quantidade de glicose para o sangue de maneira a alterar o metabolismo e a possibilitar ao homem maior dispêndio de energia.

É impossível dissociar as emoções e os sentimentos dos comportamentos, pois em qualquer que seja a situação é notável e inquestionável a presença de emoções e sentimentos conduzindo a ação.

Visto a relevância da afetividade para o desempenho integral do individuo é preciso direcionar e investir nessa prática, que atua de maneira concomitante e decisiva no processo de ensino aprendizagem. Cabe citar o trabalho de Luck (Ibidem 1983: 11) que enfatiza que, “deve-se dar especial atenção ao desenvolvimento afetivo dos educandos, visto que o funcionamento total do organismo, em qualquer momento e circunstancia, envolve uma significativa e indissociável parcela de sentimentos e emoções”.

O processo educativo deve ser amplo e promover a atuação conjunta das funções comportamentais (cognitivo, afetivo e psicomotor), pois é inevitável salientar que quando o mesmo favorece apenas um dos aspectos, certamente terá resultados que desfavorecem o desenvolvimento total dos indivíduos.

Destacando os laços de afetividade como fator determinante do desempenho da cognição infantil, é essencial que além de promover apenas conhecimentos momentâneos, a educação escolar permita aos educandos assimilar e absorver conhecimentos que perdurem. Este aspecto também é comentado por Luck (Ibidem 1983: 21) que aponta que, “o processo educativo deve buscar harmonizar aspectos cognitivos, afetivos e psicomotor, tendo em vista a promoção do desenvolvimento em longo prazo, como com vistas à aprendizagem de efeito imediato”.

O ambiente escolar é uma instituição que tem por objetivo, atender e proporcionar aos alunos, liberdade de expressão e oportunidade de interagir com normas e direitos da sociedade, mas, deve essencialmente contribuir no processo de descobertas e reflexões internas, que os qualificarão para interações externas com a sociedade.

Partindo desse pressuposto é vital considerar que as escolas devem estabelecer estratégias educacionais que permitam mais que o desempenho cognitivo. Dando ênfase ao desenvolvimento das emoções e sentimentos, que são capazes de tornar as aprendizagens mais prazerosas, significativas e unificadas. Isto vem ao encontro de Luck (Ibidem 1983:12) que concluiu que,

A escola deve promover o desenvolvimento integral do educando. Deve ajudá-lo a aprender em todos os sentidos, isto é, não somente quanto a conhecimentos e habilidades intelectuais e ao mundo exterior, mas também quanto a habilidades sociais, pessoais, atitudes, valores, ideais e seu mundo interno.

Para que as crianças alcancem o rendimento cognitivo estimado existe uma concepção que dever ser concebida. A formação da auto estima que é uma construção de suma importância no relacionamento da afetividade, pois é preciso que a criança encontre-se em pleno estado emocional para assim está aberta às relações externas.

O processo de desenvolvimento da auto-estima mantém relação estreita com a motivação ou interesse da criança em aprender. As crianças têm extrema necessidade de comunicar-se. Elas precisam ser ouvidas, acolhidas e valorizadas. O princípio norteador da auto-estima é o afeto. Pois quando desenvolvido o vínculo afetivo, a aprendizagem, e a motivação tornam-se conquistas significativas para o autocontrole do aluno e seu bem estar escolar. Isto vem ao encontro de Bean (1995:32) que entende que,

A elevada auto-estima estimula a aprendizagem. O aluno que goza de elevada auto estima aprende com mais alegria e facilidade. Enfrenta as novas tarefas de aprendizagem com confiança e entusiasmo. Seu desempenho tende a ser um sucesso, pois a reflexão e o sentimento precedem à ação, demonstrando “firmeza” e expectativas positivas, diferente de um que se sente incompetente, fracassado.

O desempenho cognitivo está intimamente ligado com as relações afetivas. Isso posto, é imprescindível que o discente esteja rodeado de atitudes de afeto no âmbito escolar, a fim de chegar ao ápice de uma aprendizagem significativa. No entanto não se pode confundir afeto com atenção, pois o aluno precisa mais que alguns momentos de entretenimento. É necessário que ele sintam-se acolhido e parte do processo a que está inserido. Diante das colocações é interessante ressaltar o trabalho de Tiba (1999: 45) que considera que,

Cuidar é mais que um ato, é uma atitude, portanto abrange mais que um momento de atenção, de zelo e desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, responsabilização e envolvimento afetivo. Por isto, é preciso cuidar da terra antes e depois da semente ser lançada, para que a planta possa crescer, florescer e dar bons frutos.

1.4- AFETIVIDADE DOCENTE X AFETIVIDADE INFANTIL

O processo de aprendizagem está condicionado ao relacionamento estabelecido entre professor-aluno, que desencadeia um leque de possibilidades, que por sua vez difere-se entre as favoráveis ao processo de ensino e aquelas que geram danos irreversíveis. Existe uma

concordância entre diversos autores como Tiba, Kullok, Saltini e outros, que assinalam, que para existir uma aprendizagem em níveis satisfatórios é necessário que haja boa interação entre todos os integrantes do processo. Isto vem ao encontro de Kullok (2002: 11) que relata que “toda aprendizagem precisa ser embasada em um bom relacionamento entre os elementos que participam do processo, ou seja, aluno e professor.”

Torna-se indispensável ressaltar que ao falarmos de aprendizagem, a palavra incorpora noções bem maiores que a simples absorção de novos conteúdos, pois a aprendizagem deve ser concebida como um fator de formação integral dos educandos, tendo o objetivo de gerar mudanças. Sendo assim é certo afirmar que; só através de relações saudáveis e amigáveis, em meio a alunos e professores é que certamente teremos uma aprendizagem capaz de ultrapassar as barreiras de conteúdos programáticos, que em grande parte encontram-se fora da realidade dos discentes e alcançar o apogeu de conhecimentos com valores inestimáveis. Ainda nesta mesma linha de considerações podemos citar o trabalho de Kullok (Idem 2002:11) que aponta que “a relação entre sujeitos tem como razão maior à busca do conhecimento e isto só será alcançado se houver um processo de interação entre professor (ensino) e aluno (aprendizagem) com o objetivo de produzir mudanças.”

É necessário destacar que, ainda diante de um ambiente limitado por horários e conteúdos é inquestionável que existe uma relação estabelecida pelos sujeitos, professor e aluno com a potencia de ampliar ou devastar futuros conhecimentos. As variáveis e as características destas relações são regidas pelo mestre, pois cabe a ele propor iniciativas e assegurar o respeito mutuo. Diante destas colocações faz-se notável mencionar os estudos de Aquino (1996:22) que sustente que, “mesmo estando limitadas por um programa, um conteúdo, um tempo predeterminadas, normas diversas da instituição de ensino etc., o professor e o aluno, interagindo, formam o cerne do processo educativo”.

Em geral os professores são vistos como aqueles que detém a função de ensinar, e com base na ignorância e no senso comum são encarados muitas vezes como senhores do saber.

Nos dias de hoje, faz-se imprescindível que o próprio educador reconheça seu papel mediador. Que sua prática está estreitamente relacionada ao modo como os alunos se envolvem com o mesmo e do ponto de vista do educador diante de seus discentes, ao reconhecê-los e atribuir o cada um o valor devido. Ao referir-se a tal assunto, vale notar a contribuição de Kullok (Ibidem 2002:16) que considera que, “o professor precisa ter o conhecimento do valor da interação professor-aluno para não se posicionar como dono do saber, mas ser capaz de compreender a sala de aula como o espaço de relações sociais e afetivas, humanizando o ato de aprender”.

Valorizar a relação professor-aluno é uma condição permanente para criar-se uma base educacional sólida e eficiente, que fatalmente terá graves conseqüências quando interceptada. Nesse contexto vale citar o trabalho de Kullook (Ibidem 2002:17) que afirma que, “é necessário valorizar o desenvolvimento das relações sociais entendendo que é fundamental criar uma interação entre aquele que ensina e aquele que aprende sob pena de aprendizagem não ocorrer.”

Na construção e aquisição do conhecimento, a criança com toda sua criatividade e originalidade necessita estar inserida em um ambiente que favoreça a aprendizagem. O mediador com quem mantém relação, tem a função de promover um relacionamento em que o aluno sintá-se seguro e motivado a conhecer sua própria essência. Cabe ao educador demonstrar interesse e respeito para com as crianças, pois só assim elas terão a oportunidade de edificar seu autoconhecimento. Nesse sentido é pertinente comentar o trabalho de Mielnik (pág.172) que sustenta que,

As relações interpessoais do professor e alunos devem ser de tal tipo que a criança possa com absoluta liberdade tomar conhecimento, atualizar e experimentar sua própria personalidade. Os professores podem colaborar nesse sentido quando demonstram um interesse verdadeiro pela criança, respeitam sua individualidade e aceitam-na sem discriminação. Agindo dessa forma, não estaremos incrementando o egoísmo infantil e sim favorecendo a criança o conhecimento de si mesma, de suas qualidades e das tendências de sua personalidade.

Enfatizando a relação professor-aluno como foco principal do desempenho da aprendizagem, é de suma importância reforçar que, o professor atua como protagonista da cena, tendo em vista, que ele é o super herói, capaz de despertar em seus alunos o interesse mais puro e belo em aprender simplesmente pelo prazer.

Desde o surgimento da pedagogia, ainda na Grécia, existe uma busca incessante por parte de profissionais da educação em encontrar uma estratégia educacional infalível. Atualmente depois de inúmeras pesquisas, sabemos que a única fonte inesgotável de possibilidades satisfatórias encontra-se centrado na relação professor-aluno.

Em ambiente harmônico, alegre e cativante a criança depara-se com uma infinidade de fatores capazes de despertar seus desejos e fazê-la sentir-se amada e protegida como se estivesse em seu próprio lar. E é justamente esse aspecto que a escola deve favorecer. O ambiente escolar deve ter caráter familiar e proporcionar alternativas para que o educando descubra-se diante do mundo. Saltini (Ibidem 1997:20) aponta que,

A relação que o aluno estabelece com o professor é fundamental enquanto elemento energizante do conhecimento. As famosas estratégias educacionais nada mais são

do que a criação de relações adequadas, afetiva, carinhos, aptas a fazer com que a criança trabalhe seu narcisismo secundário, restabelecendo sua beleza, diante de si e do mundo, na medida em que aprende.

A escola como extensão da casa, deve posicionar-se contra o ensino de cabresto e reconhecer-se como espaço de interesse que reflete ao longo da vida humana.

No ambiente escolar espera-se que os indivíduos tenham a oportunidade de interagir com uma educação que visa o bem-estar do homem, tendo em vista que a integração e socialização com o meio, exercem grandes influências sobre o processo de desenvolvimento humano. Cabe citar o trabalho de Saltini (Ibidem 1997:29) que considera que, “o ato educativo deveria estar a serviço do desenvolvimento e do bem-estar do homem e, em profunda harmonia com ele mesmo e com o meio em que vive”.

A criança com ser dotado de emoções, necessita imprecindivelmente manter vínculos de amor e carinho onde quer que vá. No âmbito escolar as articulações entre professor-aluno são capazes de fortalecer o processo de aprendizagem tornando-o significativo e prazeroso. Este aspecto também é comentado por Saltini (Ibidem 1997:83) que sustenta que, “o afeto buscando o prazer se transforma em interesse e este por sua vez provoca a interação com o meio.”

CAPÍTULO 2 Referencial Metodológico

2.1 Modalidade da pesquisa

O presente estudo terá como modalidade de pesquisa o método qualitativo, cuja abordagem centra-se no método de procedimento da pesquisa-ação. Segundo Chizzotti (2001:79)

Abordagem qualitativa parte do fundamento de que há relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações.

O mesmo autor refere-se ainda sobre a pesquisa-ação. Para ele o referido método “propõe uma ação deliberada visando uma mudança no mundo real, comprometida com um

campo restrito, englobado em um projeto mais geral e submetendo-se a uma disciplina para alcançar os efeitos do conhecimento.” (Idem Chizzotti 2001:100).

2.2 Os sujeitos participantes da pesquisa

Para realização do referido escopo pretende-se analisar uma amostra composta de 22 crianças de ambos os sexos com idades variando entre 5 a 6 anos de idade.

A pesquisa contará ainda com a participação da professora, sendo no caso a pesquisadora, com idade superior a 20 anos. Composto os sujeitos da pesquisa almeja-se ainda estudar a (o) profissional da coordenação pedagógica da escola em questão. A importância de estudar todos os indivíduos que participam da pesquisa é reforçada por Chizzotti (Ibidem 2001:83) que afirma que,

Todas as pessoas que participam da pesquisa são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam. Pressupõem-se, pois, que elas tenham um conhecimento prático, de senso comum e representações relativamente elaboradas que formam uma concepção de vida e orientam as suas ações individuais.

2.3 O local a ser pesquisado

O local destinado à realização do estudo trata-se de uma escola da rede particular de ensino, localizada na RA (Região Administrativa) do Paranoá DF.

A instituição referida oferece atendimento nas modalidades de E.I(Educação Infantil) e E.F(I) (Ensino Fundamental I). Realiza suas atividades nos dois turnos, atendendo aproximadamente 400 crianças. Por ser uma escola pertencente à rede privada de ensino, atende a um público de certa forma privilegiado da RA, que pode pagar os estudos dos filhos.

2.4 Os instrumentos da pesquisa

O estudo desejado fará uso da entrevista semi-estruturada, observações participantes, além do preenchimento de relatórios de observação. Conforme Chizzotti (Ibidem 2001:90) as observações participantes ocorrem da seguinte forma “a observação participante é obtida por meio do contato do pesquisador com o fenômeno observado, para recolher as ações dos atores em seu contexto natural, a partir de sua perspectiva e seus pontos de vista.”

O estudo contará ainda com a caderneta de campo, o gravador e máquina fotográfica digital.

2.5 O tratamento com dados

Para análise e discussão dos dados pretende-se fazer uso das tabelas que tratarão das informações coletadas no local. Por se tratar de uma pesquisa-ação, onde os dados serão analisados mediante as ações praticadas cotidianamente deseja-se ainda utilizar quadro de referência para a concretização da análise posterior do resultado das informações colhidas. Chizzotti (Ibidem 2001:84) enfatiza que,

Na pesquisa qualitativa todos os fenômenos são igualmente importantes e preciosos: a constância das manifestações e sua ocasionalidade, a frequência e a interrupção, a fala e o silêncio. É necessário encontrar o significado manifesto e o que permaneceu oculto. Todos os sujeitos são igualmente dignos de estudo, todos são iguais, mas permanecem únicos, e todos os seus pontos de vista são relevantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AQUINO, Júlio Groppa. Confrontos na sala de aula: uma leitura institucional da relação professor-aluno. São Paulo: Summus Editorial, 1996.
2. BEAN, Reynold. Crianças seguras: como aumentar a auto-estima das crianças. São Paulo: Gente, 1995.
3. CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em ciências humanas e sociais. 5º edição. São Paulo: Cortez 2001.
4. CURY, Augusto Jorge. Pais brilhantes professores fascinantes. 4º edição. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
5. KULLOK, Maisa Gomes Brandão. Relação professor-aluno: contribuições à prática pedagógica. Maceió: Edufal, 2002.

6. LUCK, Heloísa – CARNEIRO, Dorothy Gomes. Desenvolvimento afetivo na escola: Promoção, medida e avaliação. Rio de Janeiro. Vozes Ltda, 1983.
7. MARCHAND, Max. A afetividade do educador. 2º edição. São Paulo: Summus editorial 1985.
8. MIELNIK, Isaac. A criança na escola. 3º edição. São Paulo: Edart.
9. MONTEIRO, Maria Therezinha de Lima. Serie Texto Didático: Cognição e afetividade. Piaget e Freud. Brasília: Universal, 2003.
10. SALTINI, Cláudio J.P. Afetividade e inteligência. Rio de Janeiro: DPA, 1997.
11. TIBA, Içami. Ensinar aprendendo: como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização. 10º edição. São Paulo: Gente, 1998.